

MUSEU DA PESSOA



Museu da Pessoa

Uma história pode mudar seu jeito de ver o mundo.

Histórias de Internautas

Um segundo lar

História de [Mohamed Sarya Ghazi](#)

Autor: [Fernanda Zientara](#)

Publicado em 26/05/2019

Projeto Memorial Espaço de Bitita
Depoimento de Mohamed Sarya Ghazi
Entrevistado por Fernanda Zientara do Nascimento e Soraya Saif
São Paulo, 05/04/2019
Realização Museu da Pessoa
PCSH_HV725_ Mohamed Sarya Ghazi
Transcrito por Liliane Custódio

P/1 – Por favor, diga seu nome.

R – Meu nome é Mohamed Sarya Ghazi.

P/1 – Onde você nasceu e a data?

R – Eu nasci na Síria... Nossa, eu estou muito... Pergunta de novo.

P/1 – Onde você nasceu e a data de nascimento?

R – Eu nasci na Síria, primeiro de janeiro de 2007.

P/1 – Então você veio para o Brasil recentemente?

R – Não, eu estou aqui há uns quatro anos, mais ou menos.

P/1 – E você se lembra de alguma coisa de lá?

R – Olha, eu não me lembro de muita coisa, não, porque quando eu estava na Síria, eu era muito pequeno, eu tinha uns quatro, ou três anos.

P/1 – Você não chegou então a frequentar escola lá na Síria?

R – Frequentei a creche.

P/1 – Ah, você se lembra de alguma coisa da creche?

R – Eu lembro quando eu saí da creche. Depois a gente teve que sair porque começou a guerra lá. A gente foi à casa da avó, para ficar um tempo lá, a gente viajou para o Líbano, que acho que ficou mais ou menos uma semana lá, porque lá era mais caro, essas coisas. Mas eram duas horas de carro da Síria até o Líbano, era pertinho. Depois a gente decidiu ir para a Jordânia. A gente ficou lá uma hora... Uma hora. Um ano. A gente ficou lá na Jordânia morando. A gente teve que sair porque eles não gostavam dos sírios, perseguiram a gente, não davam água. Por exemplo,

tinha luz no prédio inteiro, menos no nosso. Eles não gostavam dos sírios, aí a gente veio aqui no Brasil. A gente veio porque era o único país que aceitava imigrantes. Estou aqui há uns quatro anos.

P/1 – Eu sei que você era muito pequeno na ocasião, mas você se lembra de alguma coisa relacionado à guerra ainda na Síria?

R – Não. Não lembro quase nada.

P/1 – Você se lembra do percurso da viagem?

R – Sim. Mais ou menos isso.

P/1 – E essa viagem de lá para o Brasil, você lembra como foi?

R – De Jordânia até o Brasil?

P/1 – Isso.

R – Olha, lá na Jordânia, eu estudei o segundo e o terceiro ano, metade do terceiro. Depois a gente saiu, veio aqui para o Brasil. Eu frequentei uma escola lá na Mooca, só que eu não sabia falar nada. Eles começaram a ensinar, por exemplo, lá tinha uma parede com a cor azul, eles apontavam na parede, falavam: “Azul”. Eu fiquei aprendendo assim. Mas antes de vir para o Brasil, também aprendi um pouco, para vir aqui sabendo alguma coisa. Por exemplo, eu aprendi: “Oi. Posso ir ao banheiro? Posso beber água?”.

P/2 – Onde você aprendeu isso? Lá na Jordânia ainda?

R – Na Jordânia. A gente vem...

P/2 – Através do quê, de site?

R – Internet.

P/2 – Na internet?

R – Sim.

P/2 – Seu pai e sua mãe também fizeram isso?

R – Sim. Também fizeram isso. Para não vir aqui sem falar nada.

P/2 – Sim.

P/1 – E você lembra o que seus pais faziam quando eles estavam na Síria?

R – Na Síria, meu pai trabalhava numa loja que vendia coisas, assim, tinta para pintar, o que mais? Pregos, coisas para construir. Gesso, essas coisas.

P/1 – E aqui ele faz a mesma coisa?

R – Não. Aqui ele trabalha na Mesquita. Ele é um tipo faz tudo lá, ele vê as câmeras, ele limpa às vezes quando não tem funcionário lá, ele é quase tudo. Trabalha de tudo.

P/1 – Mohamed, você comentou que você aprendeu algumas palavras através da internet.

R – Sim.

P/1 – Para chegar ao Brasil sabendo alguma coisa.

R – Sim.

P/1 – Você achou muito difícil aprender o português? Conta como foi um pouco essa experiência.

R – No começo sim. Olha, no começo foi muito difícil, porque eu não sabia pronunciar as palavras direito. Eu comecei a ir à escola, quando eu frequentei a escola, eles me ajudaram demais. Aprendi muita coisa lá.

P/3 – Quem te ajudava a aprender?

R – Os alunos. Os alunos ajudavam demais.

P/2 – Eu queria só fazer uma pergunta, se você sentiu diferença no acolhimento aqui do Brasil, do Líbano e da Jordânia. Você viu diferença assim na recepção?

R – Sim. Por exemplo, lá na Jordânia não receberam muito bem a gente. Mas aqui no Brasil, a gente chegou, falaram: “Se você precisar de ajuda, alguma coisa”. Também aqui já tinha os amigos do meu pai. Antes de ele vir aqui para o Brasil, ele ficou aqui um mês só para ver como era o Brasil, para ter certeza se ele viria aqui para o Brasil ou não.

P/2 – Ele veio antes de vocês?

R – Ficou aqui um mês, depois voltou para a Jordânia. Só que quando ele estava voltando, não o deixaram sair do aeroporto de Jordânia. Ficou lá três dias. Minha mãe chorou, ligou para o aeroporto se podia falar com ele ou não. Eu me lembro daquela época, foi bem triste. Depois, não sei como minha mãe conseguiu, mas o tiraram, depois ele falou: “Já chega. Eu quero ir para o Brasil logo”. A gente veio aqui para o Brasil.

P/1 – Mohamed, você lembra como era a sua infância nesse lugar?

R – Onde?

P/1 – Na Síria?

R – Na Síria? Não. Não me lembro de nada de lá.

P/3 – Brincadeiras assim?

R – Brincadeira? Não lembro.

P/1 – Mas você lembra só então desse episódio que aconteceu do aeroporto?

R – Sim.

P/1 – Ficou marcante.

R – Na Jordânia.

P/1 – Na Jordânia. Verdade.

R – Não foi na Síria.

P/3 – Posso perguntar? Na escola da Jordânia, como era lá? Como era a escola, os alunos com você?

R – Tá. Na escola, na Jordânia, era assim, tem uma escola só de meninos e uma escola só de meninas. Lá a gente não pode sujar o pátio, senão a gente que vai limpar o pátio.

P/2 – Era bem rígido. Bem rigoroso.

R – Bem rigoroso lá.

P/2 – Você já chegou a ser punido nessa escola?

R – Não.

P/2 – E na Síria? Ah, você não se lembra da Síria.

R – Não lembro.

P/2 – Eu ia te perguntar, você falou assim que na Síria você estava na creche num momento de um bombardeio que teve. Você falou isso no começo?

R – Não, eu falei que a gente teve que sair de casa para ir para a casa da avó, porque a guerra estava perto lá, perto da minha casa.

P/3 – Não tinha chegado ainda.

R – Não. Mas estava previsto que ia chegar.

P/3 – Que cidade era que você nasceu?

R – Damasco. Capital da Síria.

P/3 – Oi?

R – É a capital da Síria, Damasco.

P/3 – E a casa da sua avó ficava onde? Lá também?

R – Ficava um pouco mais distante da guerra. A gente foi para lá porque era melhor.

P/2 – Mas é em Damasco?

R – É em Damasco, mas é um pouco distante.

P/2 – E ela continua lá a sua avó?

R – Continua lá. Ela, meu avô, dois tios. Os outros tios estão em outro país. Tem tio na Alemanha, tem tio no Egito, tem tio na América.

P/1 – E você se lembra dos seus avós? Da sua avó?

R – Dos meus avós? Só me lembro de um episódio. Quando eu era pequeno, eu era muito pequeno, não sabia de nada, minha avó veio me abraçar, só que eu a mordi, ela ficou roxa (risos). Só me lembro desse episódio.

P/1 – (risos) Vocês ainda têm contato com eles?

R – Sim. Todo dia eu falo com ela. Eu a minha mãe.

P/2 – Todo dia?

R – Todo dia.

P/3 – Como você fala? Pela...

R – Árabe.

P/3 – Celular?

R – Celular.

P/3 – E o que ela conta de lá? Ela conta coisas de lá?

R – Não. Não conta. Ela só fala que está bem, não precisa de nada. Porque agora a guerra parou um pouquinho.

P/3 – E o que você conta para ela?

R – Eu pergunto se ela está bem, se precisa de alguma coisa. E ela pergunta também sempre que dia que eu vou encontrá-la de novo.

P/2 – Vocês pensam em voltar para uma visita, para alguma coisa assim? Seu pai fala alguma coisa, sua mãe?

R – Meu pai fala assim, mais um pouco, talvez a gente vá uma semana só para ver a família.

P/2 – Só ficar uma semana.

R – É. Para ver a família, para lembrar. Ou ela vem uma semana, não sei.

P/2 – Quando a sua avó pergunta como vocês estão aqui, o que você fala? Você fala que você está muito bem? Fala que está bem?

R – Eu falo que estou bem. Estou ótimo. Ela fala como é aqui no Brasil, ela pergunta se eu sei bem falar a língua ou não. Eu falo: “Sim. Eu sei falar”.

P/1 – E como é aqui no Brasil a escola?

R – A escola? Aqui no Brasil, a escola é muito boa, principalmente essa escola. Todo mundo me trata muito bem nessa escola. Por exemplo, os

amigos também me tratam bem, nunca sofri bullying, nada disso.

P/1 – Há alguma história marcante aqui da escola? Algum episódio, uma cena? Você lembra?

R – Aqui da escola? Não.

P/1 – Não?

R – Algo muito marcante não.

P/3 – Marcante boa também, uma coisa que você fala: “Ah, foi tão legal”.

R – Não lembra nada assim de...

P/3 – E professor, assim, não aqui do Brasil, lá na Jordânia, teve algum professor que você ainda se lembra dele?

R – Não. Não me lembro de nenhum professor.

P/3 – E brincadeiras na Jordânia, vocês tinham tempo de brincar?

R – Eu tinha tempo, mas eu ficava em casa, porque era pequeno, não me deixavam sair de casa. Só uma vez que eu saí, porque estava nevando. Lá na Jordânia neva, a neve chegou até meu joelho. Eu era muito pequeno também. Eu fiquei brincando lá com o meu pai. A minha irmã... Não, minha irmã não tinha nascido ainda.

P/1 – E você tem uma irmã?

R – Sim. Eu tenho uma irmã. Ela estuda nessa escola, tem oito anos.

P/1 – Qual o nome dela?

R – Mayas Ghazi.

P/1 – Você tem outros irmãos?

R – Não. Só tenho ela.

P/1 – Ela nasceu na Jordânia?

R – Não. Nasceu na Síria.

P/1 – Nasceu na Síria mesmo.

R – Na Síria. É, na Síria.

P/1 – Então era bem menorzinha quando veio para cá.

R – Sim. Muito. Tinha três anos.

P/1 – Você se lembra dessa fase que ela nasceu?

R – Eu lembro. Eu dava muito trabalho para minha mãe quando ela estava grávida, sinceramente. Porque eu era pequeno, eu também quando era pequeno não gostava de dormir, eu ficava acordado muito tarde, aí minha mãe tinha que ficar lá comigo dentro... Ela já deu até remédio para dormir, eu não dormi. Colocou uma música, também não dormi. Era muito bagunceiro quando era pequeno.

P/3 – Hoje você dorme?

R – Sim.

P/1 – E você falou que ela colocava até música para você dormir. Você se lembra de algumas canções de lá?

R – Canções não. Porque eram músicas assim para acalmar, para dormir. Música normal.

P/1 – Mas você se lembra de alguma história, ou de alguma música que tenha vindo de lá, da sua família?

R – Não. Não lembro. Acho que nem tem.

P/1 – Seu pais contam histórias de quando eles eram mais jovens na Síria, como era a Síria antes?

R – Às vezes eles contam. Às vezes, quando eles têm tempo, eles me contam algumas coisas.

P/3 – E o que você mais se lembra do que eles já te contaram?

R – Não sei. É que eles às vezes contam, nem sempre. Mas não lembro, não. Nada.

P/1 – Eles não contam assim de como era antes da guerra? Eles já chegaram a falar?

R – Ah, sim. Eles chegaram a falar como era antes da guerra. Era muito melhor, as coisas eram muito baratas. Era tudo uma vida boa. Aí começou a guerra, piorou tudo, ficou tudo mais caro, não acha trabalho, casa cai, casa desmonta. Vai perdendo mais dinheiro.

P/2 – A sua casa foi atingida na guerra?

R – É, mas a gente não estava dentro, a gente estava na casa da avó, mas foi atingida. A gente saiu antes do tempo.

P/3 – Vocês voltaram lá em algum momento? Ou não, só por foto?

R – Na casa?

P/3 – No lugar onde era.

R – Não. Até agora não visitei. Faz cinco anos que eu não volto para a Síria mais.

P/2 – Vocês chegaram a ver foto da casa como ela ficou?

R – Sim. Porque ainda tem... Meu pai tem um amigo lá, ele tirou foto, está tudo destruído, tudo no chão.

P/1 – Os seus pais falam como é viver no Brasil? Porque eles falavam da Síria, que a Síria antes da guerra era um lugar bom, as coisas mais baratas, uma vida boa.

R – Sim. Sim.

P/1 – E eles comentam sobre o que eles acham do Brasil?

R – Eles comentam que foi o único país que aceitou sírios assim de uma forma boa. Os outros países não aceitavam. Eles só contam isso, que foi uma boa escolha vir aqui para o Brasil.

P/3 – Você se lembra de você chegando aqui?

R – Eu chegando aqui. Deixe-me...

P/3 – De avião assim, como foi? Você lembra?

R – De avião? Não.

P/3 – Quando você chegou assim, você tem alguma imagem assim?

R – Uma imagem na cabeça? Não tenho, não, na verdade, porque era muito pequeno.

P/2 – Você tinha oito anos, né?

R – Quando eu cheguei aqui? Cinco. Não. Não, não. Não foi aos cinco, não. Eu não lembro. Uns oito, mais ou menos.

P/2 – Você tinha uns oito anos. Mas não ficou na sua memória, né, esse momento da chegada?

R – Não. Só. Acho que já está bom.

P/3 – E quando a gente chamou você assim para perguntar as coisas que já aconteceram com você, você se lembrou de coisas assim que você achava legal contar para a gente? Que você gostaria de contar?

R – Alguma coisa que eu gostaria de contar?

P/3 – Que você já contou em outras entrevistas, que algumas pessoas já perguntaram coisas para você.

R – Ah, porque sempre às vezes perguntam. Eu não sei nada.

P/2 – Então eu vou fazer uma para você assim.. Vou fazer um paralelo, não sei nem se pode. Eu quando criança, eu tinha um pouco a palavra é vergonha de ser diferente, apesar de eu ter nascido aqui no Brasil, ter sido criada, eu me achava diferente, porque meus pais falavam outra língua, sou praticante de outra religião, que difere muito do local que a gente está. Então quando minha mãe chamava minha atenção era em árabe, meus amigos davam risada. E eu quero saber você. Você tem esse sentimento de vergonha quando os seus pais estão perto falando em árabe, tem algum colega por perto?

R – Sim.

P/2 – Você se sente diferente, ou você já é um igual no meio deles? Como é a sua sensação?

P/1 – Explica um pouco essa sensação para a gente.

R – Olha, eu sinto muito diferente, porque a religião, por exemplo, na minha religião tem uma coisa chamada jejum, que é Ramadan, aí eu não posso comer nada, nem beber água. Eles falam: “Quer comer alguma coisa?”. Eu falo: “Não, obrigado”. Eles acham “Você é muito diferente, essas coisas, você não faz coisa igual a gente”. Também uma vez eu estava na reunião e minha mãe estava falando em árabe, eu falei: “Fala em português, eu não quero...”.

P/2 – Você tem vergonha então.

R – Tenho vergonha.

P/2 – É vergonha?

R – É vergonha.

P/2 – Por ser diferente, você não se sente superior, você se sente um pouquinho...

R – É.

P/2 – Entendi.

P/1 – Mas mesmo assim você relata que não sentiu episódios de bullying aqui na escola, que você se sentiu bem acolhido.

R – Não. Não senti. Sim. Não senti nenhum ato de bullying, não.

P/3 – Mohamed, porque você... Não sei se dá para você falar. Por que você não gosta que ela fale em árabe quando você está?

R – É porque eu tenho muita vergonha, porque é outra língua. Por exemplo, minha mãe estava vendo WhatsApp, só que é o contrário a língua, a gente escreve da direita para a esquerda. Meu amigo estava vendo, falou: “Oxe, tá o contrário o celular?”. Eu falei: “Não, é assim mesmo”.

P/3 – Entendi. Você conhece algumas escritas assim? Você consegue ler?

R – Sim. Consigo ler em árabe.

P/3 – Tudo?

R – Tudo. Porque lá na minha casa tem uma regra, só pode falar em árabe, para não esquecer. Tudo tem que ser em árabe, não pode falar nada em português.

P/2 – Que nem as pessoas que vão daqui para o Líbano, as mães lá obrigam em só ficar falando o português, para não esquecer. Tem um monte de família nessa situação.

P/1 – Mohamed, você achou muito difícil aprender o português? Você se lembra de alguma situação que tenha passado na sala de aula que te pareceu difícil?

R – Olha, aprender português foi mais ou menos, não foi tão difícil. Em dois meses eu já sabia falar algumas coisas, por exemplo coisas que eu precisava mesmo. Por exemplo, ir ao banheiro, eu não sabia. Chegava lá, falava... Porque todo mundo falava que queria beber água, aí eu falava: “Quero ir beber água”. Imitava-os só para... A ir ao banheiro, na verdade.

P/2 – Você falava um monte de coisa porque você ouvia os coleguinhas falando e você repetia, é isso?

R – É. Sim.

P/2 – E você consegue fazer a leitura de um livro e fazer a compreensão dele mesmo assim, compreender o livro inteiro?

R – Sim.

P/2 – Ou você acha que tem palavras muito...

R – Em português?

P/2 – Sim. Em português.

R – Sim. Eu consigo. Por exemplo, na Língua Portuguesa, na matéria, eu entendo tudo, só que às vezes eu tenho umas dúvidas de palavras, porque tem palavra que eu ainda não... Como posso dizer? Ainda não acessei a palavra, não sei, não conheço, é nova para mim.

P/3 – A gente também.

P/2 – Todo mundo.

P/3 – Na língua é da gente, a gente também tem palavra que a gente não conhece. Você conhece todas da língua árabe?

R – Não. Nem todas.

P/3 – A gente também.

P/1 – Nós também não conhecemos todas do português (risos).

P/3 – Da língua portuguesa.

P/2 – Quero dizer que eu também continuo com essas dúvidas.

P/1 – Mohamed, em várias oportunidades, como você mesmo disse, já fez várias entrevistas pela escola. Você chegou inclusive a viajar, não foi isso?

R – Sim.

P/1 – Você pode contar um pouquinho dessa experiência para a gente?

R – Foi ano passado, o diretor falou assim que a gente precisava fazer uma entrevista lá no Rio de Janeiro. Ele falou: “A gente tem que viajar, essas coisas”. Ele falou com a minha mãe, minha mãe deixou, eu viajei, a gente ficou lá três dias. No primeiro, a gente chegou meio tarde, dormiu, no segundo dia foi a entrevista. Chegamos lá, primeiro comemos, depois a gente fez a entrevista, fizeram um monte de pergunta. Não era só a nossa escola, tinha outras escolas. Não lembro o nome das outras escolas, mas tinha mais quatro escolas. Eles me levaram porque eu era o imigrante, ainda não tinha a Ikrã, que é a outra menina imigrante.

P/2 – Você gostou do Rio de Janeiro?

R – Eu já tinha ido antes.

P/2 – Ah, já tinha?

P/1 – E como você se sentiu nesse momento?

R – Ah, fiquei com saudade da minha mãe, que eu não via, nem o meu pai. Da minha irmã também. Cheguei lá, fiz a entrevista na boa. Só que eu fiquei logo com vergonha, porque tinha muita gente assim ao vivo. Eu não falei quase nada, só falei o meu nome e...

P/3 – Aqui tem mais alunos da Síria na sua escola?

R – Só a minha irmã, que estuda à tarde. Só ela. O resto é tudo... Tem gente boliviana, tem gente do Marrocos, tem gente do Peru, da Colômbia, tem um monte de gente.

P/3 – E essa colega que você falou o nome, ela é de onde?

R – Ela é do Marrocos. Ela é do nono ano, se eu não me engano. Ela também fala árabe, só que... Por exemplo, aqui em São Paulo é outra... É a mesma língua, só que outro sotaque. Aí o árabe é outro sotaque, às vezes eu não a entendo falando.

P/3 – Você falou que tem pessoas de vários países aqui na escola.

R – Tem

P/3 – Vocês têm diferenças, assim, quando você está com eles, ou com quem nasceu aqui, ou tudo igual?

R – É tudo igual. Só tem gente que ainda não aprendeu a falar a língua.

P/3 – E você faz alguma coisa assim para ajudá-los, ou não precisa?

R – É porque já tem professor ajudando. Muitos professores. Por exemplo, tem gente que fala inglês. Uma menina chegou aqui, da Índia, que ela fala inglês, só inglês, aí a professora de inglês a ajudava, ela não precisava de ajuda.

P/3 – Você fala outra língua além do árabe e do português?

R – Não, mas estou aprendendo inglês. Eu faço curso de inglês, que eu acho bem legal.

P/1 – E como você vê essa escola em que você está agora recebendo tanta gente de fora, de outros lugares? Você acha isso interessante? Você gosta disso, desse ambiente?

R – Eu gosto muito dessas coisas, porque muita diversidade, por exemplo, tem gente mexicano... Não. Mexicano não tem. Da Colômbia, aí a gente aprende com eles. Por exemplo, tem uma menina do Peru, que ela fala algumas palavras, eu perguntei para ela, ela falou um monte de palavra, aí eu aprendi um pouco.

P/3 – E esporte, você faz algum? Você gosta?

R – Eu gosto de futebol e basquete, mas eu pratico mais basquete.

P/3 – Onde?

R – Eu não faço mais. Também, a verdade, eu faço judô. Eu faço. Eu sou faixa azul no judô.

P/3 – Basquete dá para jogar? Você tem jogado?

R – É, eu jogo às vezes, mas...

P/3 – Aqui?

R – Não, no parque, essas coisas. Parque Ibirapuera, eu sempre vou lá para jogar basquete, às vezes futebol, porque tem às vezes os meus amigos lá.

P/1 – E seus pais apoiam muito os seus estudos?

R – Sim. Apoiam muito, ajudam demais. Também tem outra instituição chamado Unibes, lá tem um monte de atividade, é lá que eu faço judô, tem educação física, informática, aprendo lá também matemática.

P/2 – Como você chegou à Unibes? Como você conheceu?

R – É porque quando eu entrei aqui na escola, tinha um monte de gente falando que... Era todo mundo da Unibes, porque a escola era muito boa, falaram para eu entrar, aí minha mãe viu, eu entrei. Só que demorou muito para eu entrar, porque tinha muita gente querendo entrar.

P/3 – Deixe-me te falar, Mohamed, você no judô teve alguma vez assim que aconteceu de um jeito que até hoje você lembra? Alguma luta, alguma competição? Conta para a gente.

R – Sim. Eu já fui a umas três competições. A primeira que eu fui, eu fiquei em segundo, na outra eu fiquei em terceiro, e na terceira eu fiquei em primeiro. Eu ganhei algumas lutas, perdi, mas sempre que eu perco, eu aprendo com os meus erros para conseguir treinar.

P/3 – Como assim? Você consegue explicar para a gente como faz para aprender com o erro no judô?

R – É porque lá tem um monte de golpe, você pode escolher qualquer um para entrar. Às vezes eu entro... Tem um golpe chamado o-soto-gari, aí eu entro errado na primeira luta, na segunda eu já entro melhor, na terceira eu já derrubo. Assim.

P/3 – E quando você ganhou o primeiro lugar assim, você se lembra da sua sensação?

R – Sim. Eu ganhei um troféu e uma medalha. Foi muito legal. Também já fui à Copa na Escola. Já participei da Copa na Escola no judô, mas

acho que eu fiquei em quarto, alguma coisa assim

P/3 – Muito bom

P/2 – Também pela Unibes?

R – Pela Unibes.

P/1 – E seus pais, você falou que se preocupam muito, assim, com a sua educação, com a sua formação, te dão muito apoio. Você pode falar um pouquinho como eles são, assim, no dia a dia, o que eles fazem?

R – Tá. A minha mãe, ela me ajuda às vezes quando é matemática, matéria que não fala... Por exemplo, língua portuguesa, ela não consegue, porque ela não fala muito português. Aí eu falo com o meu pai, que é melhor, ele fala melhor português, me ajuda. Só que agora minha mãe está fazendo curso de português toda quarta-feira.

P/2 – Onde?

R – Acho que Estação Paulista. É por ali. Avenida Paulista, por ali.

P/1 – E você tem ajudado a mamãe agora?

R – Sim.

P/1 – Como é isso?

R – Não lição dela. Porque, assim, ela tem um livro que ela leva para a escola, que eles sempre dão lição, aí toda quarta eles dão cinco páginas. Só que a minha mãe não sabe nada, por exemplo, verbo, eu ensinei para ela, substantivo. Eu ensinei para ela. Ela agora está aprendendo.

P/1 – Quando eu precisar de um substituto, eu vou te chamar, Mohamed (risos).

R – (risos).

P/1 – E, assim, você tem sonhos?

R – Sonhos?

P/1 – Você fala do judô, das coisas que você tem aprendido. Você tem sonhos para o futuro?

R – Eu tenho o sonho de viajar para Dubai. É por isso que eu estou aprendendo inglês, porque eu acho muito legal esse país. Também tenho o sonho de ser um homem de negócios (risos).

P/1 – E assim, hoje você tem muitos amigos?

R – Tenho bastante. Bastante amigo. Por exemplo, na escola, todo mundo me conhece quase.

P/2 – Só pegando um gancho ali nos sonhos dele, você enxerga o seu futuro aqui no Brasil mesmo, ou você se vê em outro lugar depois de adulto assim?

R – Depois de adulto?

P/2 – Você acha que aqui é uma passagem, ou você acha que a sua vida vai se constituir toda aqui? O que você pensa disso?

R – Eu penso que eu quero ficar aqui um tempo, depois viajar para ficar lá em Dubai, que eu acho que é melhor para mim.

P/2 – Você pensa em morar em Dubai?

R – Eu penso em morar em Dubai.

P/2 – Por que você chegou a essa conclusão de que lá é bom para você?

R – É porque eu vejo na internet, sempre pesquiso. Lá é um pouco caro? É. Mas é um país muito desenvolvido. Aí eu pensei: quero ir para lá, porque é o meu sonho. Minha mãe apoia também, me ajuda.

P/2 – E seus pais pensam o que também no futuro deles? Eles acham que vão permanecer aqui, ou acham também que vão... Estão de passagem?

R – Eu acho que eles vão permanecer aqui. Eles falam que vão permanecer aqui no Brasil.

P/2 – Para a Síria não vai ter retorno?

R – Para a Síria, só assim de passagem.

P/2 – Só em visita.

R – Só visita. Porque a gente já esqueceu tudo, não precisa mais voltar.

P/3 – Eles falam isso?

R – É, falam isso, que a gente vai lá só para visitar, depois a gente volta para cá.

P/3 – E a sua mãe, ela sente assim também?

R – Sim. Ela sente isso. Só que a mãe dela já morreu, então ela quer ir para lá para ver a família dela, que faz tempo que ela não vê a família dela. Ela fica muito chateada por isso.

P/3 – E eles estão gostando e, como a Soraya perguntou, pensam em morar para sempre aqui.

R – É. Morar para sempre aqui. Eles gostaram do país, meu pai já arrumou um emprego, então ficar aqui.

P/1 – Que coisas você considera assim mais importantes na sua vida atualmente.

R – Atualmente. Agora eu estou focando mais em estudar, também mais importante é minha família, que sempre me apoiou. O que mais? Deixe-me ver alguma coisa. Acho que é só. Nesse momento são só esses dois.

P/3 – E o judô?

R – O judô é só para passar o tempo para mim. Não tenho muito... Assim, ficar muito tempo no judô. Para mim é só um esporte.

P/3 – Caio, quer perguntar alguma coisa?

P/4 – Essa parte de esporte estava na minha cabeça e vocês falaram. Você gosta de futebol?

R – É, eu gosto. Eu gosto de assistir Copa do Mundo, Libertadores e Champions League.

P/3 – Tem time aqui que você torce?

R – Não. Não, não torço para nenhum time. Porque eu não gosto, não sou muito ligado a futebol.

P/2 – É, geralmente quando a gente pergunta para meninos da sua idade o que querem ser, muitos falam que querem ser jogador de futebol.

R – Sim.

P/2 – Então isso está descartado, pelo que a gente percebe.

R – É.

P/2 – Você falou que quer ser um homem de negócios.

R – Sim.

P/2 – Mas você não tem em mente que ramo você pensa em seguir? Alguma aptidão que você vê que você tem agora?

R – Como assim?

P/1 – Relacionado a exatas, a humanas?

R – Por exemplo? Não entendi a pergunta.

P/3 – Você quer ser um homem de negócios. Você vai vender coisas? Como seria? Como você imagina?

P/2 – Sua profissão.

R – Minha profissão.

P/2 – Que tipo de profissional? Que profissional você quer ser assim? Você vê médico, ou um comerciante?

R – Comerciante. Ser um comerciante, ter uma fábrica. Mas ainda não penso muito nesses negócios. Agora eu estou focado mais em estudar, depois eu penso nisso. Eu não sei quase nada disso até agora.

P/1 – Diz para a gente como foi contar a sua história. A gente sabe que você já contou essa história, assim, para várias pessoas.

R – Já.

P/1 – Mas como é contar, reviver isso?

R – É muito bom, também ao mesmo tempo é triste, porque tem coisas boas, tem coisas ruins na memória. Então eu me sinto às vezes feliz, triste. É isso. Pronto?

P/3 – Você quer dizer para a gente o que vem na memória que não é legal?

R – Ah, lembrar como foi a guerra. Essas coisas tristes. Por exemplo quando o meu pai ficou três dias no aeroporto, é uma memória triste também. E só. Pronto?

P/3 – E a coisa muito alegre?

R – Coisa muito alegre? Ter vindo aqui para o Brasil, conhecer outros países. E só. Pronto?

P/2 – A questão da minha infância foi uma coisa que marcou muito. E você disse que... Marcou muito porque sempre me senti muito diferente, isso era uma coisa muito ruim para mim, meio que eu me escondia de trazer... Escondia-me não. Não gostava de fazer trabalhos na minha casa, porque meus amiguinhos iriam ouvir minha mãe falando, meus pais falando em árabe, ouvir meu pai rezando, que é uma coisa muito diferente. Você receberia seus amigos em casa e eles vivenciam toda a sua rotina em casa, seu pai rezando, sua mãe conversando?

R – Sim.

P/2 – Enfim, ou você teria problema com isso, ia ser mais um fator de constrangimento para você?

R – Não. Essa parte não. Eu já convidei um amigo, já foi lá, ele achou bem legal, eu mostrei o Alcorão, essas coisas. Eu acho normal, não tenho muita vergonha.

P/3 – Isso que eu ia te perguntar, quando vai alguém à sua casa, ou vocês saem juntos, você conta o que vocês fazem?

R – Sim. Eu conto. Por exemplo, eu tenho um amigo que sabe quase tudo que eu faço, chamado Matheus. Ele saiu da escola. Ele era daqui, só que saiu.

P/3 – Você disse que mostrou para ele... Fala de novo essa parte.

R – Eu mostrei o Alcorão, que é o livro sagrado da nossa religião.

P/3 – E o que ele comentou assim? Conta a história para a gente. Conta tudo assim, que a gente depois vai fazer a edição, sabe? Então quando ele foi à sua casa, começa do começo. Você convidou... Você pode contar para a gente?

R – Sim. Eu não sei o que contar. Eu estou cansado.

P/3 – Quando ele foi à sua casa a primeira vez, como foi?

R – Ele chegou, minha mãe falou em árabe comigo para eu comprar coisa lá no mercado. Ele foi comigo, perguntou: “Por que você tá saindo de casa?”. Eu falei: “Vem comigo, eu te conto no caminho”. Eu falei que ela estava falando que a gente fosse ao mercado comprar as coisas que a minha mãe queria. Voltamos para a casa... Eu moro na Mesquita, porque meu pai tem que sair cedo de casa para trabalhar. Porque a nossa religião tem cinco rezas: a primeira que é cinco e meia da manhã, a segunda é meio-dia e meia, a terceira é quatro horas, a quarta é... Deixe-me lembrar. Seis e cinco, e a última sete e 45. Eu desci para rezar, eu falei: “Quer conhecer?”. Falei: “Beleza. Vamos lá conhecer”. Eu mostrei para ele, tudo.

P/2 – Ele entrou na Mesquita com você?

R – Entrou. Eu expliquei para ele, tudo, o que a gente ia fazer, ele falou: “Beleza. Vou te ver de longe”. Ele me viu, ele achou bem legal. Só.

P/3 – Muito bom. Legal.

P/4 – Posso te perguntar uma coisa, Mohamed? Como é a questão da comida? Você gosta da comida da Síria, comida brasileira? Como é essa relação? Na sua casa tem comida Síria, comida brasileira?

R – A gente come mais comida da Síria. Brasileira nem tanto, só às vezes, aquelas mais que você come. A minha mãe faz quibe, faz esfiha, um monte de coisa, shawarma também.

P/3 – A gente também gosta muito da sua comida.

P/4 – Eu adoro.

P/2 – Eu também.

R – (risos).

P/3 – E tem alguma comida brasileira que quando você comeu, você não gostou nada?

R – Uma comida.

P/3 – Ou que você gostou muito?

R – Gostei muito? É porque na Síria, a gente não come muito arroz e feijão. Cheguei aqui, todo dia na Unibes só arroz e feijão aqui na escola. Todo dia. Aí a gente vai um pouco... Porque todo dia a mesma coisa, mesma coisa. É isso.

P/3 – E tem alguma que você fala: “Essa eu gosto”?

R – Um doce. Deixe-me ver. Pé de moleque é bom também. Eu gosto. Esse aí eu gosto. Paçoca também eu gosto. Só.

P/3 – De vestimenta assim..

R – De roupa?

P/3 – É. Tem alguma coisa que você quer contar para a gente que é interessante, que você observou?

R – Por exemplo, a minha mãe nunca sai de casa sem... A roupa assim que vocês usam. A minha mãe sempre usa o negócio e o hijab. Sempre tem que ter o hijab. Ela sempre sai com hijab. Só em casa que ela tira. Mas eu e meu pai não, roupa normal, não tem nenhuma roupa assim que tem que usar.

P/3 – E para você isso é tranquilo?

R – Já é normal. Já acostumei.

P/3 – A sua irmã tem agora que idade? Oito que você falou?

R – Oito. Mas ela ainda não usa, só quando ela tiver uns 15, 16, que ela começa a usar.

P/3 – E tem alguma coisa que ela fala para você assim que você acha interessante também contar para a gente? Alguma coisa que ela passou?

R – Coisa que ela passou? Sei nem para que.

P/3 – Porque ela veio muito pequenininha, né?

R – E aqui no Brasil, a gente teve que mostrar para ela as rezas, agora ela já sabe rezar as cinco rezas. Todo dia ela chega: “Quero rezar. Quero rezar” (risos).

P/3 – Você consegue... Não sei se dá para você falar, mas o que você sente quando tá rezando? Tem algum sentimento assim especial?

R – Eu me sinto mais tranquilo, afastado das coisas, afazeres. Só isso. Pronto? Acabou?

P/3 – Sim.

R – Ah, enfim.

P/3 – Cansou, né, Mohamed?

R – Fala muito.

P/3 – Agora, espera aí, só para terminar.

R – Tá.

P/3 – Como você se sentiu com três, quatro pessoas em cima de você perguntando um monte de coisa?

R – Eu achei legal. Muito legal lembrar as histórias. Acho que é só. Pronto, né?

P/3 – A gente não ficou muito perturbando você?

R – Não. Não ficou, não. Foi legal.

P/3 – Então tá bom.

R – Tá bom.

P/3 – Muito obrigada.

R – De nada.

FINAL DA ENTREVISTA